

O Processo Evangélico: Religião e Poder no Século XXI

Leonel Gonçalves, novembro de 2025

A Origem

A Laicidade é, na aparência, um objetivo de racionalidade e igualdade universal e irreversível na construção dos Estados Modernos.

Desde o século XVIII, com a definição da teoria da separação dos três poderes de Montesquieu, que excluía pela primeira vez a igreja e a religião de qualquer função na administração do Estado, que a progressiva introdução da racionalidade e da equidade na Administração Pública, crescente ao longo dos séculos XIX e XX, apontava para a inevitabilidade da definição dos Estados modernos como laicos.

Parecia, no século XX, que a marcha nessa direção iniciada pelo grande Baron de Montesquieu não teria retorno.

Porém, a realidade contemporânea demonstra-nos o contrário, a laicidade está fortemente ameaçada, fortemente pressionada por um retrocesso na racionalidade e por um recrudescimento da tradição ou ‘tradições’, da América à Índia, passando pelos estados islâmicos e por muitas nações africanas e europeias, sempre assentes, claro está, nas religiões dominantes.

O pensamento de Montesquieu, influenciado pelas transformações parlamentaristas e constitucionalistas da Inglaterra de finais do século XVII, que ele depois sistematizou, expandiu e aprofundou, influenciou, por sua vez, profundamente, o movimento de formação dos EUA e a sua constituição.

Mas o sistema de Montesquieu não é ainda uma teoria da laicidade. É um sistema de racionalização secularizante, que afasta as igrejas da Administração Pública, mas que não chega ao ponto de recusar a presença de deus no Estado, nem que seja porque mantém a atribuição

divina da soberania.

Assim, também a Constituição dos EUA, proclamando a liberdade religiosa e afastando qualquer igreja do Estado, não excluiu deus, em sentido abstrato, desse novo Estado.

Ora, o Processo Evangélico tem origem nos EUA.

O território onde nasceram os atuais Estados Unidos, foi primeiro que tudo repovoado por protestantes radicais: - os puritanos derrotados na Inglaterra pelo compromisso anglicano do século XVII. Protestantes órfãos de uma igreja organizada, influenciados por Lutero, Calvino, Owen, Cartwright e John Knox, que se dividiram isoladamente por várias denominações na terra de chegada. Terra essa, que se foi tornando local de acolhimento de outros grupos religiosos protestantes minoritários, normalmente radicais e literais na interpretação do evangelho cristão, que abandonavam desiludidos as terras europeias de origem, conforme se estabeleciam novas igrejas protestantes oficiais nos estados da Europa do norte e central que, segundo eles, também desvirtuavam a palavra evangélica.

É a existência segregada destas pequenas comunidades em prática religiosa livre, sobreposta ao 'anglicanismo' dos ingleses do aparelho colonial, que construirá o futuro protestantismo americano, base da própria União das primeiras 13 colónias que darão, depois, lugar aos EUA.

Note-se que **nos EUA a laicidade do Estado nunca foi questão, nunca se colocou.** (*A língua inglesa não possui, sequer, uma palavra para laicidade. Usa-se a palavra 'secularism' como tradução, aproximada mas obviamente inexata, do conceito.*)

Colocou-se, sim, a questão basilar da liberdade religiosa absoluta, da permissão livre e ilimitada, de todas as práticas religiosas, sem qualquer intromissão do Estado. Foi isso que definiu a primeira emenda à constituição dos EUA (first amendment), logo em 1791. O Estado não poderia interferir em caso algum no culto a deus. E as igrejas, em nome da liberdade religiosa, podiam impor normas aos seus seguidores, estabelecer sistemas de ensino, determinar costumes, mesmo fora e longe da lei geral, desde que não 'contrariasse' a constituição.

O Estado, no entanto, reconhecia à partida a existência de um deus mais ou menos abstrato, um grande arquiteto, sem nenhuma igreja especificamente afiliada e defendia a necessidade de que todos, cada um na sua igreja, o louvassem e adorassem. A crença em deus tornou-se obrigatória, se não a nível individual, nas instâncias públicas ligadas ao Estado:

- invoca-se deus quando se invoca a nação, pede-se a bênção divina

para o país e para os seus cidadãos todas as manhãs em oração coletiva não-denominacional nas escolas públicas ('**God Bless America**') quando se canta o hino, jura-se sobre a bíblia nos tribunais e na assunção de cargos públicos, etc.. Mesmo no dinheiro, desde a Guerra Civil do século XIX, se proclama a confiança em deus: '**In God We Trust**' encima as notas de dólar.

O Estado permanece equidistante, e supostamente distante, em relação a cada igreja e por isso define-se como secular. Mas, reconhecendo e impondo a necessidade de deus e da religião, não é, de facto, laico.

No início dos EUA, esse deus geral era um deus claramente protestante, assente na mensagem da bíblia cristã e do evangelho. Se a posterior interpretação alargada da primeira emenda, permitiria a instalação livre de outras igrejas e religiões não protestantes, a matriz ficaria para sempre associada à génesis dos EUA:

- primeiro o país foi **WASP** (White, Anglo-Saxon, Protestant - Branco, Anglo-Saxónico, Protestante) e, até hoje, sempre que necessário **essa matriz é recordada**. E, na tradição WASP, mesmo o catolicismo dos emigrantes irlandeses, por exemplo, era visto, de facto, como uma religião exógena.

Profundamente anti-semita, o movimento evangélico original culpava o judaísmo pela morte de Cristo e definia-o como inimigo do EUA. Espantosamente, nos últimos anos, o novo evangelicalismo global, muito focado na obediência à bíblia no seu conjunto, tanto ao Velho testamento, como ao Novo, (o Evangelho, propriamente dito), passou a definir o judaísmo como religião aliada, abraçando a nova aliança política com o nacionalismo de direita do Estado de Israel do partido republicano e justificando essa atitude com a raiz comum 'civilizacional' bíblica. Passou até a ser comum desfraldarem-se bandeiras hebraicas, ao lado das nacionais, sobre os edifícios religiosos evangélicos.

O Surgimento

A mobilização política do cristianismo evangélico conservador, hoje frequentemente designado nos EUA como Direita Religiosa, é **um dos fenómenos sociológicos mais transformadores na política americana do final do século XX e início do século XXI**.

O seu alinhamento com os setores mais conservadores da sociedade, e subsequente influência sobre a extrema-direita política, não é um desenvolvimento puramente teológico, mas sim o resultado de fatores sociológicos distintos, principalmente:

- 1- a percepção do ‘declínio cultural’ por parte de grupos sociais religiosos e pelos seus líderes,
- 2- a instrumentalização da noção de identidade desses grupos com vista a uma ‘recuperação’ da sua supremacia e hegemonia e
- 3 - os alinhamentos políticos estratégicos que estabeleceram com as organizações políticas conservadoras previamente existentes.

O nexo entre estes segmentos demográficos religiosos e o extremo político reacionário, baseia-se numa narrativa partilhada de **ameaça existencial** e num desejo de **restauração da supremacia** moral-cultural da sua tradição cristã, que consideram sob ataque e em perda, com a acen-tuada secularização da sociedade, a liberalização dos costumes e o multiculturalismo.

Essa mobilização histórica dos evangélicos conservadores define o quadro inicial e o ponto de partida para esta jornada política.

Antes da década de **1970**, muitos grupos fundamentalistas e evangélicos adotavam uma postura de separatismo religioso e político, característica sociológica tradicional da pluralidade e ‘liberdade’ religiosa americanas - viviam a sua teoria e práticas religiosas em meios isolados, separados da restante sociedade, não pretendendo influenciá-la diretamente, nem por ela serem influenciados. Esse separatismo permitiu surpreendentes ‘liberdades’ a muitas seitas ou religiões num estado moderno: até aos anos 80, comunidades Mórmon praticavam livre e legalmente a poligamia e os Amish podiam impedir os seus filhos de frequentar o ensino ‘obrigatório’ público, por exemplo. Só algumas alterações muito recentes à constituição alteraram estas situações. Entre os evangélicos tais liberdades eram também usadas abundantemente.

No entanto, uma série de percebidos **choques culturais** impulsionou para a arena política. Embora a decisão do Supremo Tribunal (*Roe v. Wade*) sobre o aborto, em **1973**, seja frequentemente citada como o grande catalisador, os sociólogos observam que preocupações anteriores sobre a perda do estatuto de isenção fiscal para as escolas religiosas (devido à oposição à integração racial, entretanto constitucionalizada) e a revolução sexual mais ampla da década de **1960**, depois da pílula e da consequente libertação sexual da mulher, foram igualmente potentes

mobilizadores. Estas questões convergiram num movimento político altamente eficaz, evidenciado pelo estabelecimento de organizações-chave como a **Moral Majority** (fundada por Jerry Falwell em **1979**) e a criação de instituições educacionais influentes como a **Liberty University**. Estas ações agregaram-se num movimento político definido pelo *tradicionalismo moral*, preparando o palco para a colaboração com o *establishment* político conservador e, em última análise, de extrema-direita.

A viragem política foi significativamente reforçada pela aliança estratégica, e não teológica, forjada com os setores conservadores da **Igreja Católica** - anteriormente sua inimiga de classe, mas que partilhava com os protestantes radicais muitas preocupações morais tradicionalistas. A partir da década de **1980**, a hierarquia católica oficial e as principais organizações leigas alinharam-se estrategicamente com a Direita Religiosa Evangélica nos EUA, criando uma poderosa coligação de tema único focada quase inteiramente nas chamadas **Guerras Culturais (Culture Wars)**. Este processo *católico-evangélico* transcendeu a rivalidade denominacional histórica, unindo instituições como a **Conferência de Bispos Católicos dos EUA (USCCB)** e grupos evangélicos como a Moral Majority sob as bandeiras da **defesa da vida (pro-life)** e da defesa da **estrutura familiar tradicional**. Essa aliança solidificou a autoridade moral da Direita Religiosa e ampliou significativamente a sua alavancagem política e financeira dentro da coligação que constitui o Partido Republicano.

A ligação sociológica crucial, hoje em dia, é o uso da **política de identidade** em torno de uma narrativa de estatuto ameaçado. A extrema-direita—definida pelo ‘nativismo’, populismo e tendências autoritárias—instrumentalizou um marcador ideológico específico conhecido como **Nacionalismo Cristão Branco**. Este não é necessariamente impulsionado por uma prática religiosa intensa, mas por um compromisso cultural ou *identitário* com uma visão dos Estados Unidos como sendo fundamentalmente uma nação cristã, predominantemente branca, destinada a propósitos salvíficos - uma visão messiânica adaptada da nação WASP inicial..

Os líderes da direita política empregam uma estratégia de “lado da oferta”, referenciando símbolos e linguagem cristã secularizados para

reunir um eleitorado sociologicamente mais ‘tradicional’ nos seus comportamentos, do “lado da procura”, que se sente marginalizado pela percebida secularização liberal e pela multietnicidade e multiculturalismo. Esta **moldura populista - (que usa a linguagem corrente dos próprios grupos-alvo destinatários da sua mensagem)**, utiliza ansiedades contemporâneas como a percepção de ameaça da **Teoria Crítica da Raça (CRT)** nas escolas, o **apoio a identidades de género**, e o medo explícito popularizado pelos media de extrema-direita—a **teoria da "Grande Substituição"**—que alega um esforço coordenado deliberado para diminuir o poder demográfico branco cristão.

Uma narrativa que opõe um “povo virtuoso e homogéneo” que vivia num idealizado ‘paraíso perdido’ num passado ‘moral’, (a da identidade Cristã Branca) a uma “elite corrompida” (liberais seculares) e a “outros perigosos” (imigrantes e minorias étnicas, minorias sexuais, negros, etc), responsáveis pela subversão dessa ordem.

A Vitória no Século XXI

As políticas de Donald Trump vieram reforçar e validar diretamente esta narrativa, nomeadamente a implementação dos Protocolos de Proteção de Migrantes ("Permanecer no México") e a proibição de viagens que afetou várias nações de maioria muçulmana, alinhando-se com os elementos nativistas da coligação de extrema-direita.

Além disso, políticas culturais, como o estabelecimento da ‘Comissão 1776’ para promover a "educação patriótica" e contrariar narrativas consideradas divisivas, forneceram um endosso estatal explícito à moldura da "guerra cultural".

Para muitos na base evangélica, a participação em movimentos MAGA de extrema-direita torna-se uma defesa de uma identidade nacional e cultural específica e idealizada, em vez de uma adesão a uma doutrina cristã abstrata. Isto proporciona um sentido de comunidade e certeza moral num mundo em rápida mudança. Como uma rocha a que se agarram numa tempestade no mar.

Além disso, a captura estrutural do Partido Republicano por este bloco

eleitoral solidificou a ligação. A partir da década de **1980**, as elites políticas reconheceram os evangélicos como uma força coesa e decisiva. Este envolvimento foi mutuamente reforçador: o partido ganhou uma base essencial, e os evangélicos ganharam poder institucional, inserindo com sucesso plataformas socialmente conservadoras na plataforma política dominante. **Crucialmente, a nomeação bem-sucedida de três juízes conservadores para o Supremo Tribunal e centenas de juízes federais com a mesma orientação, durante a administração Trump, serviu como um pagamento estrutural evidente, cumprindo o objetivo de décadas da Direita Religiosa de recuperar o poder judicial e garantir futuros resultados de uma política socialmente conservadora.** Esta integração significou que os eleitores inicialmente atraídos para a coligação Republicana por questões morais específicas (como o aborto) foram consistentemente expostos à nova agenda no seu todo e, muitas vezes, acabaram por adotar essa agenda geral de extrema-direita do partido, incluindo as posições sobre economia, imigração e política externa, o que criou uma nova e completa teoria ideológica sócio-política.

O Motor Financeiro: O Financiamento do Processo

A robusta mobilização política desta aliança é sustentada por mecanismos financeiros sofisticados e diversos, permitindo tanto a ação política direta como os esforços de *lobby* blindados.

Nos EUA, o modelo de financiamento depende fortemente de **donativos privados em larga escala e de dinheiro de origem obscura**. Embora uma parte significativa provenha de doações de base, certas organizações e *think tanks* influentes são financiados principalmente por doadores individuais milionários, bilionários, trilionários, fundações e Fundos Aconselhados por Doadores (DAFs). Uma estratégia financeira chave que lhes permite usar em seu benefício o código tributário dos EUA. Especificamente, o uso de **Fundos Aconselhados a Doadores (DAFs)** permite que doadores ricos reivindiquem deduções fiscais imediatas para contribuições que são então armazenadas indefinidamente antes de serem desembolsadas para grupos de ação política. Além disso, organizações influentes, incluindo o Family Research Council (FRC) e o

Focus on the Family, adotaram estrategicamente o estatuto de "**associações de igrejas**" (sob a Seção 501(c)(3) do código do IRS). Este estatuto é crítico porque as isenta de apresentar o Formulário 990 de impostos públicos, blindando efetivamente as suas grandes listas de doadores e detalhes financeiros internos do escrutínio público e regulamentar, facilitando a canalização de vastas somas de "dinheiro obscuro" para campanhas políticas e *lobbying*. Estes grupos competem frequentemente com sucesso por subsídios federais e fundos destinados a serviços sociais baseados na fé, esbatendo as linhas entre o trabalho de caridade e a defesa política.

No Brasil, a dinâmica financeira está enraizada principalmente no poder económico das **mega-igrejas evangélicas**. Denominações como a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) funcionam como enormes empresas. A sua imensa riqueza, derivada dos dízimos e ofertas consistentes de milhões de membros, é mobilizada direta ou indiretamente para a influência política. A importância estrutural deste mecanismo de financiamento foi amplificada pelo **fim do financiamento corporativo de campanhas no Brasil em 2015**, o que elevou a alavancagem política das igrejas como parceiros financeiros e logísticos essenciais. Esta concentração de riqueza alimenta diretamente a **Bancada Evangélica**, um poderoso bloco político interpartidário no Congresso brasileiro que dita resultados legislativos em questões morais e nomeações judiciais. O principal "financiamento cruzado" é, portanto, a **transferência não monetária de valor infraestrutural**—a implantação estratégica das redes da igreja (transporte, organização de comícios, pessoal voluntário) e **ativos de meios de comunicação de massa**. Por exemplo, a posse da **Rede Record**—a segunda maior rede de TV do Brasil—por **Edir Macedo** (fundador da IURD) fornece uma plataforma constantemente ativa para mensagens de endosso político, funcionando efetivamente como uma doação em tempo de antena e alcance mediático que supera os gastos tradicionais de campanha.

Exemplos de Organizações Chave (EUA)

Nos Estados Unidos, a integração política é canalizada através de poderosos grupos de defesa e *lobby*. Exemplos de organizações influentes

alinhadas com os evangélicos que moldam a política e mobilizam a base incluem o **Family Research Council (FRC)**, o **Focus on the Family** e a organização sem fins lucrativos **Ambassador Services International**, que se envolve diretamente com funcionários eleitos em Washington D.C.. *Think tanks* conservadores, como a **The Heritage Foundation**, também desempenham um papel crucial ao fornecer justificação intelectual e projetos de política para os objetivos legislativos da Direita Religiosa, mais notavelmente através de projetos de alto perfil como o **Project 2025**, que visa preparar um conjunto abrangente de pessoal conservador e diretrizes políticas para uma potencial futura administração. Estas organizações garantem que a influência do movimento se estende muito para além das eleições, garantindo um poder estrutural a longo prazo através do poder judicial e da administração federal.

A Convergência Transnacional

Evangelicalismo, dos EUA ao Brasil

As dinâmicas sociológicas observadas nos EUA não são isoladas; alinharam-se numa convergência global de conservadorismo religioso e político, com o Brasil a oferecer um caso paralelo chave de enorme sucesso. O evangelicalismo está a crescer rapidamente no Brasil, com potencial para ultrapassar o catolicismo como o maior grupo de fé ainda em 2025, e este crescimento tem sido fortemente politizado, em paralelo com a experiência americana:

- **Uma Agenda Moral Partilhada:** Ambos os movimentos dão prioridade à defesa dos "valores familiares" e da moralidade 'tradicional', levando a uma forte oposição aos direitos LGBTQ+, aborto e educação sexual abrangente. Esta plataforma moral forma uma ponte ideológica crucial que facilita a colaboração entre ambos.
- **Paralelos Políticos e Alianças Populistas:** A identificação e apoio a figuras populistas e anti-sistema em ascensão em ambos os países, consolidou esta troca política. Nos EUA, os eleitores evangélicos

cos têm consistentemente formado a espinha dorsal do apoio a Donald Trump, com sondagens à boca das urnas a mostrar frequentemente **mais de 85%** dos evangélicos brancos a votar nele (em 2024, contra 75% em 2016). O paralelo é marcante com o Brasil, onde a **eleição de Jair Bolsonaro em 2018** foi garantida por uma massa crítica de apoio, obtendo votos de **aproximadamente 75%** do eleitorado evangélico. Mesmo na sua estreita **derrota em 2022**, ele reteve a maioria do voto evangélico (**cerca de 65%** em alguns inquéritos). Isto demonstra o poder de uma moldura populista partilhada que opõe um "povo cristão virtuoso" a uma percebida "elite secular e globalista". A análise sociológica observa até as "**Insurreições Cristãs**" **paralelas** tanto em Washington D.C. (**6 de janeiro de 2021**) quanto em Brasília (**8 de janeiro de 2023**), impulsionadas por redes cristãs de direita semelhantes.

Arquitetos Organizacionais da Direita Transnacional

A troca política e ideológica é ativamente orquestrada por figuras influentes dos EUA que fornecem projetos estratégicos, financeiros e organizacionais a movimentos de extrema-direita a nível global. Figuras como **Steve Bannon**, ex-chefe de estratégia da Casa Branca, muito ligado à criação do movimento MAGA, desempenham um papel direto como *consultores políticos transnacionais*, fomentando a comunicação e coesão entre líderes populistas globais díspares. Bannon estabeleceu ligações com partidos nacionalistas europeus chave (como os de Itália e França), visando criar uma fundação política pan-europeia, "**The Movement**", para desafiar o *establishment* da U.E. Os projetos de Bannon, como a tentativa de criação de um instituto de formação política num mosteiro italiano, **a partir de 2018**, foram concebidos para criar um quadro global de ativistas nacionalistas de extrema-direita. Crucialmente, o seu alcance consultivo estendeu-se com muito sucesso a países como a Rússia de Putin, a Hungria, onde patrocina e ajuda Orbán, a Eslováquia, a Polónia onde se articula com a direita católica do PIS, a Itália, apoiando Salvini e Meloni, ou a Holanda, com participação ativa no partido de Wilders. Tem, desde há muito, uma colaboração com a extrema-direita escandinava, também com um sucesso estrondoso. Mas está

ativo em todo o continente junto de movimentos de oposição cada vez mais poderosos, como o RN de Marine Le Pen, o Vox de Abascal ou o Chega. O seu patrocínio das mediáticas conferências de líderes de extrema-direita é mais do que evidente.

E o seu braço estende-se diretamente à América do Sul, onde trabalhou para apoiar a eleição de Millei, depois de já ter participado na campanha de **2018** e a subsequente globalização da imagem de Jair Bolsonaro do Brasil, ligando o modelo da Direita Religiosa dos EUA diretamente à crescente força política Pentecostal brasileira.

A sua teia alarga-se, ainda, à Ásia, com o caso conhecido do apoio a Narendra Modi na Índia, mas com ramificações menos famosas, por enquanto, junto dos nacionalistas/tradicionalistas budistas do Sudeste Asiático e xintoístas do Japão.

E à África, território de combate para estes movimentos, onde pretendem estabelecer uma grande força continental conservadora em ligação a Washington que permita combater o avanço do Islão, o arqui-inimigo, a partir do Norte, e onde a sua grande arma é, sem hesitações, o evangélicalismo pentecostal, incluindo o que provém do fluxo Brasil-Portugal.

Concomitantemente, **Peter Thiel**, um empresário das tecnológicas altamente influente e doador ‘libertário’ (contra a interferência do Estado), forneceu apoio financeiro e ideológico significativo, financiando efetivamente empreendimentos intelectuais e políticos conservadores e populistas chave, tanto a nível doméstico quanto internacional. Thiel é particularmente notado pelo seu foco em **nomeações judiciais** (financiando organizações como a Federalist Society) e por fornecer capital inicial a figuras políticas populistas importantes e organizações conservadoras, reforçando estrategicamente a captura estrutural e a longo prazo de instituições de direita a nível global.

Note-se que qualquer destes dois movimentos, o de Thiel e o de Bannon, além de contarem com fundos próprios, muito substanciais no caso do plurimilionário Thiel, e de origem ‘obscura’, no caso de Bannon, têm conseguido facilmente, também, apoio financeiro junto dos mais ricos grandes empreendedores das tecnológicas de Silicon Valley, interessados em minar a UE e em substituir os governos europeus e globais, por

outros que não tentem regular as suas atividades na Internet ou a nível da I.A.. E o combate à regulação é uma enorme motivação. Para uns e outros.

Tem sido essa uma das grandes motivações para o envolvimento de Elon Musk no projeto global da extrema-direita conservadora religiosa, nomeadamente ao mais alto nível, junto da Casa Branca, durante um largo período. Mesmo depois de se desligar do protagonismo junto de Trump, Musk continua financeiramente ativo e muito empenhado na mudança política no Reino Unido, onde declarou guerra aberta ao governo trabalhista de Starmer e onde se tem empenhado a todos os níveis no apoio a Farage e ao partido 'Reform'. A inclusão do Reino Unido no arco anglo-saxónico da política de extrema-direita seria de grande interesse para os americanos.

Finalmente, organizações sócio-políticas como a **Turning Point USA (TPUSA)**, liderada por **Charlie Kirk**, com iniciativas como **TPUSA Global** e **TPUSA Faith** dedicam-se a exportar o quadro da "guerra cultural" americana. Isto envolve a mobilização ativa de jovens conservadores, muitas vezes evangélicos, em países por toda a Europa (por exemplo, Reino Unido e Alemanha) e América do Sul. Estas ações reforçam a narrativa partilhada da decadência moral e da ameaça secular, ligando diretamente as comunidades evangélicas locais à máquina política mais ampla da extrema-direita internacional. Este esforço organizado acelera a convergência da política populista e da identidade religiosa, apoiando líderes de Brasília a Budapeste.

Exemplos de Denominações Chave (Brasil)

No Brasil, a força política é frequentemente canalizada através de denominações Pentecostais e Neo-Pentecostais de adesão em massa, que frequentemente endossam candidatos políticos a partir do púlpito. Duas das denominações mais politicamente ativas e proeminentes são a **Assembleia de Deus**, que é um dos maiores corpos evangélicos do mundo, e a **Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)**. Estes grupos mobilizam vastas quantidades de eleitores e frequentemente apresen-

tam os seus próprios representantes políticos em governos locais e nacionais, dando-lhes poder legislativo direto.

- **Influência Organizacional Direta dos EUA:** A conexão transnacional não é apenas orgânica; é estrutural. Relatórios de investigação destacaram a influência de grupos de *lobby* e missionários americanos, como a organização conhecida como "A Família", que alegadamente enviou missionários dos EUA ao Congresso brasileiro durante décadas para converter congressistas e instilar visões ideológicas conservadoras específicas. Esta intervenção direta mostra um esforço ativo para exportar o modelo americano de evangelicalismo político para solidificar uma aliança conservadora global.

E outras...

O sucesso que a variedade do modelo evangélico americano exportado para o Brasil tem tido é de tal forma grande que obnubila quase completamente outras ramificações internacionais do movimento evangélico. Com um sucesso mais limitado, as igrejas evangélicas estão instaladas de forma ainda assim significativa em quase todos os países hispanófonos da América, agora também com apoio direto do poderoso braço brasileiro.

Em África os casos de sucesso são também evidentes, sobretudo na criação de um apelo aspiracional cristão pós-colonial que atrai as novas burguesias urbanas em alguns países, que rejeitam e se afastam das culturas tribais locais, como veremos mais à frente.

Refira-se que em Portugal, uma das primeiras igrejas evangélicas de inspiração americana instaladas, **a Igreja Maná, não chegou via Brasil**. A sua fundação, efetivamente portuguesa, por Jorge Tadeu em 1984, transpunha para Portugal o modelo da Apostolic Faith Mission of South Africa a que o proprietário pertencera na África do Sul. **A Igreja Maná pretendeu, aliás, também expandir-se na África lusófona, tendo criado ramos em Angola e Moçambique.** Em 2008, foi proibida temporariamente em Angola, o que terá motivado que nesse país a Igreja tenha mudado de nome para Igreja Josafat, de 2009 a 2017.

Esta igreja, organizada mais como as velhas seitas evangélicas separatistas iniciais nos EUA, perdeu alguma visibilidade em Portugal com a implantação das suas rivais brasileiras. No entanto, refira-se que grande parte dos seus seguidores em Portugal é de origem africana, exemplificando **o fluxo transnacional evangélico que também se verifica da África para a Europa**.

A igreja Maná é detentora de vários canais de televisão e rádio em Portugal, Espanha, Brasil, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

É dona dos canais de televisão Kuriakos TV, TV Maná, Maná Sat 1, tendo emissões via satélite de alcance global. É também detentora da Gráfica Maná, Kuriakos Editora, e de uma frota de 2 aviões executivos (dos 7 que teve ao longo da sua história), geridos por uma empresa detida pelo grupo, sediada nos EUA. Um pequeno exemplo face às suas congéneres.

O Processo Retórico: As Palavras da Mobilização

Para além da infraestrutura financeira e organizacional, a aliança político-religiosa é impulsionada por um discurso altamente emotivo e eficaz. A retórica de pastores e bispos chave em Portugal e no Brasil segue um padrão comum, focado em duas narrativas centrais: **A Guerra Cultural** e **A Restauração Divina**.

- **A Retórica da Ameaça Existencial (Guerra Cultural):** Os discursos mobilizadores pintam o secularismo e as políticas progressistas como um ataque direto à família e à nação. Expressões comuns incluem a condenação da "**ideologia de género**" (enquadrada como destruição infantil), o medo do "**marxismo cultural**" (uma conspiração para destruir os valores ocidentais), e a luta contra o "**globalismo sem Deus**" e **contra o multiculturalismo pan-religioso**. Em Portugal, esta linguagem alinha-se diretamente com a retórica anti-sistema do Chega. No Brasil, frases como "**Brasil acima de tudo, Deus acima de todos**" (adotada por Bolsonaro) ou a caracterização dos oponentes como "**esquerdistas**" ou "**comunistas**" ressoam profundamente, transformando a oposição política em mal espiritual.

- **A Promessa de Restauração Divina (O Reino Terreno):** Em contraponto à ameaça, o discurso apela à intervenção divina e à ação política para "salvar" o país. Isto é frequentemente expresso através da **Teologia da Prosperidade** (proeminente na IURD), onde a fidelidade (incluindo os donativos e o voto) é diretamente ligada ao sucesso e bênção de Deus. A participação política é enquadrada não como um dever cívico, mas como um ato de "**guerra espiritual**" para restaurar a nação à sua "identidade cristã" original. O apelo é direto: a eleição do candidato certo é a única forma de garantir a proteção dos filhos e da fé. A retórica utiliza frases de efeito que ecoam o tradicionalismo: "**Deus, Pátria e Família.**" Refira-se que estes ingredientes são claramente replicados pelo discurso do Chega. Frases como 'Salvar Portugal' e mais recentemente 'Salvar Lisboa', estão bem presentes.

Este discurso transforma questões sociais complexas em batalhas morais simples, fornecendo clareza e um propósito comum, que é crucial para manter a coesão de um eleitorado ideologicamente diversificado, e facilitando a sua compreensão da mensagem pela replicação deliberada da sua própria linguagem, a técnica basilar do populismo.

O Corredor Transnacional: Brasil para Portugal

A extensão mais direta do fenómeno brasileiro reside na histórica "re-colonização" da sua antiga metrópole, Portugal (e das suas outras mais tardias colónias...), começando em **1989** com a chegada da **Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)**.

Sociologicamente, este movimento tem sido analisado pelo académico **Donizete Rodrigues** como um exemplo crucial da "**missão inversa**"—uma dinâmica em que o 'Sul Global' (Brasil) exporta o Pentecostalismo de volta para o 'Norte Global' laico ou secularizante (Europa), desafiando efetivamente o fluxo tradicional das missões cristãs.

A partir das Américas, Portugal tem funcionado como plataforma avançada do movimento evangélico na Europa.

Imigração e Base Demográfica

O movimento apoia-se estruturalmente nas mudanças sócio-demográficas diretas e indiretas impulsionadas pela imigração. Se os grupos de migrantes recentes, particularmente os de origem brasileira, constituem a base sólida inicial destas igrejas, outros grupos resultantes de migrações em convívio social estreito com eles, como também populações vizinhas mais antigas, pertencentes a grupos sociais em desestruturação, nomeadamente em processos de recomposição, deslocalização ou mera vulnerabilidade de estatuto social, quer em percurso ascendente, quer em percurso descendente - (*do meio rural para o meio urbano, do operariado para a pequena burguesia suburbana, da pequena burguesia suburbana para a média burguesia dos negócios, ou vice versa*) - são alvos de recrutamento fácil, por necessitarem de novas âncoras e certezas ideológicas e por, muitas vezes, aspirarem a valores morais e crenças estruturadas que reforcem a sua coesão. Note-se, ainda, frequentemente, em alguns destes grupos sociais desenraizados das suas regiões de origem, a perda de ligação física e emocional às suas igrejas originais nas aldeias, nos bairros, nas províncias e nos países que abandonaram, e a sensação de necessidade de reconfirmar ou recompor as suas crenças. A óbvia distância que sentem da igreja católica nas novas áreas de residência e a relação de vizinhança com estas igrejas evangélicas e seus seguidores, propicia a sua adesão.

Tal como no Brasil: milhões de migrantes de regiões rurais que aí praticavam um catolicismo tradicional muito ligado ao sítio, à capela ou igreja física que deixaram, encontraram ao chegar às favelas das grandes cidades, formas de inclusão nas igrejas evangélicas que aí já trabalhavam.

Porém, certos movimentos migratórios específicos são facilitados pelas mega-igrejas. Além de simplesmente oferecerem apoio pós-chegada, há uma forte evidência de que denominações como a **IURD e a Assembleia de Deus, mas também a Igreja Maná** (que não é de origem brasileira), **se envolvam em migração patrocinada ou guiada**, usando as suas redes transnacionais e imenso poder financeiro para encorajar e ajudarativamente seus membros a mudarem-se para Portugal, a partir dos seus bastiões no **Brasil e na África Lusófona** (Angola e Moçambique).

O conjunto desta base demográfica está altamente concentrada nas **Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto**, - sobretudo na de Lisboa, na chamada segunda coroa suburbana dos concelhos de Sintra, Odivelas, Loures e Vila Franca e, mais particularmente, na margem sul do Tejo - e, em menor escala, e mais pontualmente, também no distrito de **Faro (Algarve)**—regiões que se correlacionam fortemente com picos recentes no apoio eleitoral do **Chega**.

A IURD fornece uma vital **rede de pertença, manutenção de identidade e apoio social** à chegada, mas também aos aderentes locais, mitigando os desafios culturais e económicos imediatos da migração e do desenraizamento ou da ‘viagem’ social e garantindo a lealdade. Esta base demográfica ativamente cultivada, composta por imigrantes e grupos sociais ‘em mobilidade’ tendencialmente socialmente conservadores, forma uma infraestrutura socioeconómica e política coesa. Ao concentrarem também intencionalmente os seus membros em Portugal, estas igrejas criam e reforçam um eleitorado pré-politizado pela ‘ideologia’ evangélica, que vê a igreja—e, por extensão, os partidos políticos que ela favorece—como a força organizadora central nas suas vidas. Isto fornece ao partido de extrema-direita **Chega** (e ocasional e pontualmente alguns outros pequenos partidos de extrema-direita de interesse pessoal específico como o ADN) um bloco de votação leal e pronto, dedicado à agenda moral tradicionalista defendida pelas operações mediáticas da IURD e outras igrejas em Portugal.

A IURD funciona como o principal canal para exportar o modelo brasileiro de Pentecostalismo político para a Europa, embora as dinâmicas em Portugal tenham envolvido uma significativa fricção cultural.

Inicialmente, o proselitismo agressivo, a associação à “Teologia da Prosperidade” e a ênfase no **exorcismo** público foram recebidos com controvérsia, frequentemente enquadrados pelos media portugueses como uma “Invasão Brasileira”. Surgiram conflitos, nomeadamente durante a tentativa de compra da sala de espetáculos culturalmente significativa, o Coliseu do Porto, **em 1995** (na cidade do Porto), o que gerou um protesto público generalizado e forçou a IURD a abandonar a retroceder.

A análise de Donizete Rodrigues ajuda a interpretar esta fricção cultural como uma luta pela redefinição do lugar legítimo da religião na esfera pública—um conflito central da era pós-secular que se prenuncia.

Apesar destas resistências, a IURD estabeleceu uma presença organizacional robusta. O seu sucesso depende fortemente da **centralização transnacional e do poder financeiro** enraizado no Brasil. A extensa infraestrutura e a posse de meios de comunicação da igreja (como a Rede Record) permitem a disseminação contínua da sua mensagem e diretrizes organizacionais além-fronteiras, tornando os ramos portugueses uma extensão direta da empresa mega-igreja brasileira. Além disso, a ascensão do partido de direita radical **Chega** em Portugal tem sido impulsionada por uma estratégia semelhante de "Guerra Cultural", posicionando-o explicitamente como defensor da "**identidade tradicional cristã**" contra o "wokeismo" e a ideologia de género e contra a invasão de culturas.

Esta dinâmica reflete um fenómeno político europeu contemporâneo mais amplo onde os interesses políticos católicos conservadores e evangélicos em ascensão convergem, tal como aconteceu anteriormente nos EUA. Esta convergência católico-evangélica é particularmente visível na **Hungria** (sob o partido Fidesz de Viktor Orbán que se dedica a apropriar-se do cristianismo com fins políticos) e na **Pótonia** (sob o antigo governo Lei e Justiça/PiS), onde a defesa dos "valores cristãos" e da *democracia iliberal* contra a percebida secularização da União Europeia forma a sua plataforma política central, assente na fortíssima base católica local, de forma idêntica ao que sucede com as denominações evangélicas em outras latitudes.

O Engajamento Religioso Estratégico do Chega

Em Portugal, a eficácia política desta estratégia religiosa é ampliada por um **apelo interdenominacional do partido político de extrema-direita**, preenchendo com sucesso a lacuna comunicacional histórica entre o movimento Evangélico em ascensão e os **eleitorados católicos tradicionalistas**. Por exemplo, o líder do Chega, André Ventura, que estudou num seminário católico menor, emprega frequentemente molduras retóricas—como a defesa da *família* e da *identidade nacional*—que ressoam profundamente tanto com católicos conservadores como com evangélicos conservadores. Esta aliança está sociologicamente fundamentada, não na teologia partilhada, mas numa oposição comum

ao percebido secularismo liberal, aos direitos das mulheres, LGBTQ+ e ao direito ao aborto ou à eutanásia, e à intrusão de outras religiões não-cristãs, criando um bloco de votação potente e unificado, que assenta no tradicionalismo histórico-moral.

O alinhamento é ativamente apoiado pela estratégia reconhecida do partido de inserção profunda nestas comunidades religiosas. Em março de 2023, a propósito da anunciada visita a Portugal de Lula da Silva, André Ventura declarou publicamente que os representantes do Chega estavam "**profundamente inseridos nas igrejas evangélicas...**," confirmado o esforço estrutural do partido para angariar esta base para uma participação estratégica que se tornou evidente no mês seguinte, quando Ventura e o Chega conseguiram mobilizar o apoio evangélico, juntamente com outros elementos conservadores, para um significativo protesto público em Lisboa contra a referida presença do Presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, demonstrando a utilidade política imediata daquele bloco religioso.

Os Brasileiros do Chega

O partido Chega integrou definitivamente, a partir dessa data, o apoio tático dos evangélicos brasileiros na sua estratégia. Essa aliança fornece-lhe apoios à ação política no terreno com a transposição da experiência de comunicólogos e marketeers brasileiros ligados ao bolsonarismo para Portugal, para além de uma significativa base eleitoral (recorda-se que só nos últimos dois anos **500.000 pessoas de origem brasileira adquiriram a nacionalidade portuguesa e o direito ao voto**) e pode, também, abrir novos canais de financiamento de empresas e indivíduos brasileiros ricos com interesses em Portugal. A aquisição de membros ativos brasileiros tornou-se pública e notória nas campanhas, inclusivamente com recrutamento para deputados.

Houve, também, **uma inflexão no discurso: os brasileiros deixaram de ser usados como grupo alvo** de ataques xenófobos a nível 'oficial' do partido, que agora os restringe às minorias islâmicas e hindus da Ásia, aos africanos não – lusófonos, sobretudo quando também muçulmanos (com a exceção dos angolanos considerados próximos do poder 'anti-português') e, sobretudo, e aos ciganos.

O Corredor Africano: A Exportação das Guerras Culturais

O exemplo mais vigoroso e consequente do processo transnacional Evangélico-Extrema-Direita a operar fora da esfera ‘Ocidental’ é, como já referimos acima, a sua penetração em sistemas sócio-políticos da África, particularmente em nações subsaarianas que experienciam rápidas mudanças culturais e políticas. O principal mecanismo desta influência é a exportação da agenda das **Guerras Culturais** ao estilo americano, apoiada por recursos organizacionais e financeiros significativos de organizações evangélicas conservadoras ocidentais, de forma aspiracional, junto das recentes burguesias urbanas.

Penetração e Mecanismos

O imenso crescimento do cristianismo Pentecostal e Neo-Pentecostal em toda a África não islâmica, substituindo o domínio católico tradicional e protestante *mainstream*, fornece a base demográfica ideal para a mobilização política. Figuras e ministérios evangélicos conservadores dos EUA —muitas vezes distintos das organizações missionárias tradicionais—envolveram estrategicamente as elites políticas e os líderes religiosos locais, pastores evangélicos ultraconservadores, rapidamente transformados em mega-milionários através da *expertise* oferecida, das estratégias mediáticas e do financiamento. O foco ideológico é consistentemente a **legislação anti-aborto**, o combate ao preservativo, com conhecidas consequências no retrocesso no combate à infeção por IVH/HIV e a institucionalização de **leis anti-LGBTQ+ severas**.

Não nos esqueçamos que Trump chegou a declarar, recentemente, que queria ir ‘salvar os cristãos’ na Nigéria, na linha de demarcação de influências com o Islão, surpreendendo os menos atentos e reforçando a lógica de intervenção religiosa e cultural transnacional.

Crucialmente, o modelo do **Evangelicalismo Brasileiro**, já estendido a Portugal, também estabeleceu influência significativa na **África Lusófona**, nomeadamente **Angola** e **Moçambique**, seguindo o exemplo de

outros países e o da Igreja Maná de Jorge Tadeu. Mega-igrejas como a **Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)** utilizam os seus vastos recursos financeiros e redes de media (frequentemente ligadas à *Rede Record*) para estabelecer poderosos ramos locais. Esta expansão transfere o modelo político brasileiro, onde os líderes religiosos mobilizam seguidores em massa para apoiar figuras políticas socialmente conservadoras. O papel da IURD estende-se para além do culto, envolvendo-se frequentemente em *lobbying* político direto e obras sociais públicas, consolidando assim a influência política e económica. Em **Angola**, a atividade levou a conflitos altamente publicitados sobre o controle financeiro e organizacional entre a liderança brasileira e os pastores angolanos locais, demonstrando uma tensão entre o controle transnacional e a soberania nacional.

Consequências (O Exemplo do Uganda)

O panorama legal no **Uganda** serve como ilustração mais proeminente das consequências devastadoras deste processo. A partir do início dos anos 2000, líderes evangélicos dos EUA forneceram apoio financeiro e ideológico a políticos ugandenses locais que pressionavam por legislação altamente punitiva. Esta campanha culminou na aprovação da **Lei Anti-Homossexualidade de 2023**, que está entre as mais severas do mundo, impondo penas severas, incluindo a **pena de morte** para "homossexualidade agravada." Os resultados políticos incluem:

- **Erosão dos Direitos Humanos:** A lei institucionalizou a discriminação, tornando grandes populações vulneráveis à prisão, violência e ao desmantelamento de organizações da sociedade civil.
- **Polarização Política:** A questão é instrumentalizada pelas elites políticas para desviar a atenção da corrupção ou do fracasso económico, usando o pânico moral para consolidar o poder.
- **Consequências Diplomáticas e Económicas:** A legislação levou à suspensão de ajuda significativa e financiamento para o desenvolvimento por parte de governos e organizações ocidentais (UE, Canadá...), demonstrando a tensão entre a política externa secular ocidental e a ascensão de modelos de governação religiosamente conservadores em África por influência...ocidental (americana).

Este alinhamento demonstra como a Direita Religiosa global instrumentaliza com sucesso o conservadorismo social existente em nações politicamente instáveis ou em transição sócio-económica para alcançar objetivos legislativos específicos que se alinharam com a agenda conservadora internacional mais ampla, resultando frequentemente em graves revéses nos direitos humanos.

Conclusão: O Desafio Pós-Laicidade e a Ambição Global

A trajetória sociológica do processo evangélico-extrema-direita leva a uma reflexão final e crítica: o que é proposto é **fim do estado laico e do secularismo**. A aliança não procura meras mudanças de política; o seu objetivo ideológico último é a substituição sistémica da ordem política liberal, secular e/ou laica — o crescente consenso de neutralidade estatal, que se foi definindo a partir do iluminismo e que parecia definitivamente estabelecido na era pós-Segunda Guerra Mundial — por uma nova **ordem ideológica autoritária de base religiosa**.

Este objetivo é articulado a partir do conceito de **Novo Nacionalismo Cristão (NNC)**, que vai além da política doméstica para postular uma luta global e civilizacional. Sociologicamente, o secularismo e a laicidade são reformulados por este movimento, não como neutralidade política, mas como uma ideologia hostil responsável pela decadência cultural, confusão de género e fraqueza nacional. O objetivo é, portanto, estabelecer um regime 'pós-secular' e 'pós-laico' onde a identidade religiosa não seja relegada à esfera privada, mas seja o princípio organizador *explícito* do direito público, da educação e da política externa. Os objetivos legislativos que definem esta ambição incluem pressionar por **proibições nacionais do aborto** (frequentemente invocando leis de 'personalidade fetal'), ordenar a **oração pública e o ensino da Bíblia nas escolas** enquanto desmantelam departamentos como o Departamento de Educação, e usar a política externa para defender agressivamente os interesses cristãos globais. Esta visão transforma o conflito político de uma rivalidade partidária nacional numa luta global por **dominação moral-cultural**, pressionando ativamente para exportar e implementar

modelos de governação Nacionalista Cristã por todo o globo, onde quer que se profile essa possibilidade.

Este modelo de nacionalismo religioso cristão espelha mimeticamente um outro que ele define como seu grande inimigo: o do Islão. Ambos ferozmente autoritários, ambos de base dogmática absoluta, ambos, afinal, assentes em religiões que provêm do mesmo livro e têm a mesma origem. Em Israel, por sua vez, já se perfila, despudoradamente um novo modelo de Estado hegemônico, autoritário e assente no direito divino de um povo supostamente eleito. O terceiro pilar dos monoteísmos bíblicos, surpreendentemente coincidentes e em simultâneo; — ou talvez não.

E lá, onde não se impuseram nunca as religiões do livro, o nacionalismo religioso adapta-se facilmente à realidade cultural local, substituindo, também, a democracia laica: é disso exemplo o nacionalismo supremacista hindu de Narendra Modi, na Índia, criada no momento da sua independência, como Estado laico, equidistante de todas as religiões. Como o são também os recrudescimentos nacionalistas budistas conservadores no sudeste asiático e xintoísta, no Japão.

A partir dos EUA, o modelo difunde-se. Aparentemente imparável.

A Erosão do Estado de Direito e o Projeto Anti-Laico

Este projeto anti-secular, anti-laico, explicitamente irracionalista, opera sinergicamente com um profundo e mensurável **declínio global no estado de direito**, que representa uma vulnerabilidade fundamental da democracia liberal em todo o mundo. Movimentos populistas e de extrema-direita atacam deliberadamente a independência de estruturas legais laicas ou secularizadas — o poder judicial, os tribunais constitucionais e os órgãos reguladores independentes — enquadrando-os como obstáculos implementados por uma "elite corrompida" que despreza a velha tradição. Este ataque sistemático aos equilíbrios e contrapesos institucionais é um precursor necessário para o objetivo do NNC global de transformação legal.

Onde o estado de direito recua, o caminho para a **abolição de constituições e leis seculares ou laicas** fica aberto. O objetivo é sobreponí-

vel à *tendência neo-conservadora* de captura legal-institucional: o movimento procura substituir o fundamento da neutralidade do estado e os direitos individuais universais, por leis derivadas de um código moral e religioso específico e de preconceitos culturais vistos como imutáveis. Esta mudança transformará a identidade constitucional de cada nação, redefinindo a cidadania não pela igualdade perante a lei, mas pela adesão a uma herança cultural e religiosa prescrita.

O declínio da justiça imparcial e a ascensão desta ambição legal-ideológica marcam, portanto, dois lados da mesma ameaça à ordem liberal pós-Segunda Guerra Mundial, que teve a sua luminosa origem na Inglaterra e França dos séculos XVII e XVIII e nas claríssimas e lógicas ideias de Montesquieu.

Similarmente, as instituições internacionais com base nos direitos humanos e o direito internacional, estabelecidos a pulso ao longo do século XX, são ignorados, vilipendiados e ridicularizados.

Nesta perspetiva, a convergência da política populista e nativista com o fundamentalismo religioso organizado é mais do que uma coligação eleitoral passageira; é um profundo fenómeno sociológico que sinaliza uma ruptura global com os fundamentos laicos (ou seculares) da democracia liberal moderna. A questão não é simplesmente quanto influente é esta aliança, mas de compreender como a poderosa infraestrutura de guerra cultural e o poder organizacional transnacional que construiu já são suficientemente robustos para transformar o panorama político-religioso global de forma fundamental.

A Laicidade está ameaçada.

À sua frente, ergue-se, avassaladora, a nova Teocracia, absoluta e dogmática.

É preciso identificá-la, não temer dar-lhe nome, para a podermos combater.

Bibliografia Selecionada:

- **Chesnut, R. Andrew.** *Born Again in Brazil: The Rise of Evangelical Christianity and the Decline of the Church of Rome*. Rutgers University Press, 2007.

- sity Press, 2010. (Cobre o crescimento pentecostal brasileiro e a dinâmica com o catolicismo.)
- **Du Mez, Kristin Kobes.** *Jesus and John Wayne: How White Evangelicals Corrupted a Faith and Fractured a Nation*. Liveright, 2020. (Essencial para entender o Nacionalismo Cristão Branco e a política de identidade nos EUA.)
 - **Freston, Paul.** *Evangelicals and Politics in Asia, Africa and Latin America*. Cambridge University Press, 2001. (Fornece um contexto transnacional para a política evangélica, especialmente na América Latina.)
 - **Green, Steven K.** *The Bible, the School, and the Constitution: The Clash That Shaped Modern Church-State Relations*. Oxford University Press, 2012. (Examina as origens históricas da mobilização política evangélica em torno de questões educacionais e legais.)
 - **Rodrigues, Donizete.** A 'Missão Inversa': A *Igreja Universal do Reino de Deus em Portugal*. Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC), 2005. (Trabalho fundamental sobre a UCKG em Portugal e a "missão inversa" do Pentecostalismo brasileiro.)
 - **Rodrigues, Donizete & Sampaio, Daniel.** *Populismo e Extrema-Direita em Portugal: A Ascensão do Chega*. Edições 70, 2023. (Análise contemporânea da política portuguesa, incluindo a mobilização evangélica.)
 - **Speckhard, Anna K.** *Uganda's Anti-Homosexuality Act and the American Religious Right: The Globalization of the Culture War*. *Journal of Religion and Human Rights*, vol. 18, no. 1, 2021. (Cobre o caso de Uganda e a exportação da agenda socialmente conservadora dos EUA para África.)
 - **Wacker, Grant.** *America's Pastor: Billy Graham and the Shaping of a Nation*. Belknap Press, 2014. (Contextualiza o papel dos líderes evangélicos no cenário público americano.)
 - **Gorski, Philip & Perry, Samuel L.** *The Flag and The Cross: White Christian Nationalism and the Threat To American Democracy*, Oxford University Press, 2022.
 - **Kepel, Gilles.** *La Revanche de Dieu : Chrétiens, Juifs et Musulmans à la reconquête du Monde*, Editions du Seuil, Paris, 1991